



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9562 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT20 - Psicologia da Educação

A ESCUTA COMO PERSPECTIVA PARA O EDUCADOR DE ADOLESCENTES

Claudia Maio Antonelli - UNIOESTE/CAMPUS FRANCISCO BELTRÃO -  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

**A ESCUTA COMO PERSPECTIVA PARA O EDUCADOR DE ADOLESCENTES**

**Resumo:** O presente resumo apresenta excertos da pesquisa de mestrado em educação, realizada através de uma revisão teórica, sob referencial psicanalítico, visando identificar subsídios que auxiliem na prática dos educadores de adolescentes. As alterações advindas do modo de vida contemporâneo, afetaram sobremaneira os laços sociais, em especial a relação estudante/educador. A proposta da psicanálise para a educação é o exercício da Escuta, ferramenta de acesso ao sujeito inconsciente, portanto, valiosa possibilidade de estabelecer uma relação significativa e transformadora na cena educativa.

### **Introdução**

Evidencia-se no contexto contemporâneo uma série de mudanças decorrentes da aceleração tecnológica e do modo capitalista de vida, que se sustenta pelo consumo e a descartabilidade das coisas. A experiência de vida dos adolescentes do século XXI, perpassa o cenário virtual e a queda de referências sociais, antes presentes. O âmbito escolar também sofre a influência das novas exigências, a educação voltada ao mercado, a desvalorização dos educadores e o advento do ensino remoto, o qual afrouxou ainda mais a relação educacional.

Diante desse contexto, pais, professores, pedagogos e psicólogos, encontram-se cada vez mais desconectados do mundo adolescente. Em paralelo, crescem as manifestações de sofrimento, as dificuldades de relacionamento e o desinteresse escolar por parte dos adolescentes. É fundamental buscar novas perspectivas para a compreensão e o manejo das demandas da adolescência contemporânea. O objetivo desse trabalho é analisar, por meio da abordagem psicanalítica, qual o papel da Escuta do educador, enquanto ferramenta facilitadora em sua relação com o adolescente.

A psicanálise têm produzido conhecimento crítico a respeito da constituição do sujeito no laço social. O sujeito da psicanálise ultrapassa a concepção cartesiana de ‘sujeito da consciência’, é compreendido como sujeito do inconsciente, por isso, dotado de um saber ainda desconhecido, que o define.

O principal instrumento, tanto da psicanálise quanto da educação, é a linguagem, que marca a entrada do indivíduo na cultura, além de ser via de acesso ao inconsciente e ao desejo do sujeito. A linguagem apresenta-se sempre não apreendida em sua dimensão total, visto que todo o discurso traz elementos inconscientes que escapam ao sujeito, que fala e ao que ouve. Na educação, a Escuta propicia a expressão do estudante, a aproximação desse a seu desejo,

inclusive o de aprender.

## **Método**

Revisão bibliográfica a partir do Materialismo Histórico Dialético, com recorte crítico a respeito da relação educador x adolescente na contemporaneidade, dando enfoque ao estudo da Escuta enquanto ferramenta para esse educador.

## **Resultados e Discussões**

Ao tomar a Educação do adolescente como objeto dessa pesquisa, recorre-se a uma breve conceituação da adolescência. Outeiral (2005), a define como um fenômeno psicossocial, que difere de acordo com o ambiente histórico, psicológico, econômico, social e cultural em que o adolescente se desenvolve. Salienta que a palavra “adolescência” tem dupla origem etimológica, vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), que significa o indivíduo apto a crescer, mas também deriva de *adolescere*, origem da palavra adoecer.

Então, esse momento vital significa tanto aptidão para crescer, não somente no sentido físico, mas também psíquico; como para adoecer, no sentido de sofrimento emocional devido às suas transformações. Os adolescentes enfrentam inúmeras mudanças biopsicossociais em decorrência da puberdade, que é considerada o início da adolescência.

Para além da definição de “etapa” do desenvolvimento, de cunho universal, a perspectiva histórica e cultural alerta para a singularidade de cada adolescente. Dessa forma, o modo de vida e as experiências pessoais e sociais são fundamentais na constituição da subjetividade.

Sabe-se que a relação entre o estudante e a escola, ultrapassa o mero repasse de conhecimentos e envolve um laço social que ‘afeta’ ambos. A jornada educacional inicia na primeira infância e se estende pela puberdade e adolescência, configurando-se num importante espaço de constituição do sujeito. Freud em “Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar” ([1914]1976), revela sua própria experiência como aluno e sua admiração pelos professores. Compara-os com a figura dos pais, a medida que ambos têm papel privilegiado na formação pessoal, podendo proporcionar boas ou más experiências para a vida futura do indivíduo.

Outeiral (2005), entende que “A escola, a sala de aula, é um lugar imaginário, mais além do espaço real de cadeiras, classes e salas” (p.10). Ressalta ainda, que o professor quando revestido de uma importância especial pelo aluno, obtém grande influência, uma vez que esse colocará seu mestre como substituto das suas figuras parentais, capaz de representar principalmente a função paterna, no sentido de “lei”.

A saída do adolescente do mundo privado para o mundo social, é mediada pela escola, por isso o educador têm papel relevante nesse momento de passagem da família ao laço social, do abandono dos pais e do encontro com os mestres (LIMA, 2014). Mestres, aqui entendidos como figuras, instituições e discursos, que podem ser inspiração e referência para que o adolescente encontre sua própria narrativa e, que nela esteja inscrita o seu desejo.

Voltolini (2011), em sua obra, promove a interlocução da educação com a psicanálise, enfatizando que Freud em sua época, questionava a pretensão pedagógica de um ideal educativo, admitindo o caminho incerto da educação do indivíduo. Destacando a importância da atmosfera particular que permeia o ato educativo, “um campo amoroso se instala entre educador e educando”, o qual é determinante para o destino da aprendizagem (p.11).

A psicanálise não coaduna com a reprodução de métodos educacionais para se chegar ao

“ideal” de educação ou de estudante. Ela traz a realidade do sujeito, incompleta, intraduzível e continuamente faltante. Ainda assim, a perspectiva psicanalítica não impõe um limite intransponível para a o educar, mas propicia buscar novos olhares para o educando.

A transferência, conceito Freudiano, definido inicialmente como o quantum afetivo direcionado a figura do analista, necessário ao vínculo e avanço da análise, ocorre igualmente em outras relações dessa natureza. Na cena educativa, diz respeito ao afeto direcionado ao educador, baseado em registros simbólicos anteriores do educando. O estabelecimento da transferência é fundamental para que a aprendizagem aconteça. De acordo com Gutierrez (2003):

(...) ao verificar o ‘brilho’ nos olhos de seu professor na relação com o objeto do saber, o aluno passa a desejar o objeto de desejo desse professor, e a forma com que lidará com esse poder que lhe é atribuído marcará um tipo de educação: ou mais voltada para o campo da alienação ou visando a separação” ( p. 84).

O educador só conseguirá fazer a diferença a medida que se constitua em alguém ‘desejante’. Ultrapassando a informação teórica e promovendo o questionamento e a autonomia para que o adolescente se insira no laço social.

Coutinho (2015), levantou dificuldades de educadores no exercício de ensinar adolescentes, como a desvalorização do professor e o aparente desinteresse dos alunos, que muitas vezes se furtam até da “fala”. A pesquisadora propõe ao educador:

(...) reconhecer o movimento questionador do adolescente como necessário ao trabalho psíquico em curso e não como um ataque pessoal. Quando nos sentimos atacados pessoalmente, tendemos a respostas agressivas especulares, de igual para igual. Se o professor tiver em mente que faz parte do seu trabalho ser suporte de transferência e manejá-la, já não está mais numa relação de espelho, dual, mas sim numa relação mediada pelo saber, pelo trabalho, que opera como terceiro (COUTINHO, 2015 p. 165).

O adolescente, em busca de sua individuação parental e auto-definição, frequentemente pode direcionar rechaço ao educador. Ciente disso, o educador levará o adolescente à reflexão e não ao levante de defesas. A principal ferramenta de acolhimento e apreensão do sujeito é a Escuta.

Freud ao propor o tratamento “através da fala” define a regra da “Associação livre”, na qual o analisando expressa tudo o que lhe vem a mente, sem filtros e mesmo o que lhe pareça sem sentido. Diante dessa fala, “[o analista] deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor na direção do inconsciente transmissor do paciente”(1912, p 115). Nesse mesmo texto, Freud explica que a técnica de Escuta consiste em “não dirigir reparo para algo específico e em manter atenção uniformemente suspensa em face a tudo que se escuta”(Freud, 1912).

Essa atenção, dita “flutuante”, visa não focar apenas no discurso consciente, mas estar apto a perceber indícios do inconsciente do analisando. Através de lapsos, mudanças de tom de voz e equívocos da fala, algo mais está sendo dito, algo do sujeito do inconsciente.

Para Lacan (1986), o inconsciente é “estruturado em função do simbólico” (p. 22), a palavra é o símbolo das coisas. Em seu retorno a Freud, prioriza o estudo da linguagem, ao afirmar que “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, 1981, p. 135). Através da teoria da linguística de Ferdinand Saussure, deu ênfase

aos significantes que emergem da linguagem, e que podem ser decifrados.

Dunker (2020), destaca que a Escuta não é exclusividade do psicanalista ou do psicoterapeuta e tornou-se peça fundamental para o educador. Ela é mais do que uma técnica ou ferramenta, é uma ética, que diz respeito a uma relação de “não saber” sobre o outro, um exercício de acolhimento e de abertura frente ao que virá. Não supõe que o analista ou educador, tenha um saber prévio ou maior, é a partir dessa posição de “ignorância” e de prescindir de seu lugar de poder, que o educador desenvolve uma relação produtiva com o educando.

A visão desenvolvimentista estabelece características específicas da “fase” da adolescência como, impulsividade, desafio à autoridade e tendência a transgressão. Tais pré-concepções podem funcionar como justificativas para atuações repressivas, normalizadoras e punitivas por parte dos educadores, truncando a comunicação com o adolescente.

O processo de Escuta exige estar despido de preconceitos e julgamentos, uma vez que cada adolescente possui sua singularidade, fruto de uma determinada história ou cultura. Dunker (2020), afirma que esse processo pode ser denominado “escuta lúdica ou escuta empática, escuta ativa ou não violenta” (p.15)

No contexto atual, a velocidade impera e o tempo deve ser ocupado ao máximo, com atividades “produtivas”, limitando a Escuta e a reflexão. As relações ficam esvaziadas de sentido e se estabelecem, em geral, com propósitos utilitaristas. Os educadores recebem a cobrança de “vencer” o conteúdo em tempo hábil e garantir que o aluno esteja apto a responder demandas de provas e vestibulares. No modelo capitalista, o saber também é um produto que deverá adaptar-se as necessidades de mercado.

Dunker (2020), chama a atenção para a emergência de discursos conservadores e repressivos na educação, a exemplo da militarização das escolas, da “ideologia de gênero” , do desrespeito às diversidades humanas, da desqualificação da ciência e conseqüentemente, dos educadores. Esses retrocessos sinalizam o fortalecimento da ideologia a serviço de uma educação acrítica, excludente, que tem por objetivo principal a adaptação dos sujeitos às exigências do neoliberalismo

Nesse contexto, predomina a “não escuta”, nas várias esferas da vida, familiar, pessoal, profissional e educacional. O discurso corrente, fecha-se em determinadas crenças e certezas, eliminando as diferenças. Dunker (2020) aponta que:

Contra essa trajetória regressiva é importante retomar a função elementar da palavra, matéria prima da psicanálise, mas também ponto de partida da democracia e condição de possibilidade da experiência educativa (p. 22).

A tarefa de Escutar demanda trabalho, dedicação e renúncia ao exercício do poder sobre os outros. Principalmente, exige a escuta de si mesmo. “escutar é criar-se dúvidas compartilhadas, é postergar juízos demandando mais fatos e evidencias ou mais solidariedade e convicção (p 124)

Nesse percurso Dunker (2020), adverte que pais e professores de adolescentes querem saber muito deles sem oferecer nada de si:

Para escutar é preciso entrar no mundo do outro como um antropólogo entra em outra cultura: leia aprenda, prepare-se, depois dispa-se de seu etnocentrismo (adultocentrismo). (...) para os pais escutar vai se tornando gradulamente sinônimo de obedecer (...) mas se não os escutamos quando pequenos, valorizando sua palavra, a sua opinião e o seu ponto de vista, não

é depois que eles aprenderão a escutar. (p.136)

A psicanálise propõe que os educadores, nesse caso, pais e professores, abandonem seu ponto de vista estritamente “adultocêntrico” para Escutar a criança e o adolescente. Uma escuta que se propõe a desvelar as intenções, os medos e principalmente o desejo que move o sujeito.

Os educadores fazem parte do campo afetivo de seus educandos, e podem ser escutadores ou “desescutadores”, o que deixará registros na constituição subjetiva do adolescente. A educação na contemporaneidade enfrenta muitos desafios, é visível a necessidade da sociedade e do Estado escutarem a educação, para que também o educador estabeleça a Escuta junto ao educando. Sob a prevalência atual da “não escuta”, o ato de educar para a emancipação e transformação da realidade, tem sucumbido a outros interesses, contribuindo para um mal estar no contexto educacional, que perpassa profissionais, pais e estudantes.

**Palavras chave:** Escuta; adolescência; psicanálise; educação;

### Referências

DUNKER, Christian. Paixão da Ignorância: a escuta entre psicanálise e educação. Coleção educação e psicanálise, v-1. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

COUTINHO, Luciana Gageiro. O adolescente e a educação no contemporâneo: o que a psicanálise tem a dizer. Cad. Psicanál.-CPRJ, Rio de Janeiro, v. 37, n. 33, jul./dez. 2015

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1914- v. XIII). Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_ Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise: sobre o início do tratamento,. Obras completas, v. XII, 1912.

GUTIERRA, Beatriz Cauduro. Adolescência, psicanálise e educação: o mestre "possível" de adolescentes. São Paulo:. Avercamp: 2003.

LACAN, Jacques. Le séminaire, livre III: les psychoses. Paris: Seuil, 1981.

\_\_\_\_\_ Le séminaire, livre VII: l'éthique de la psychanalyse. Paris: Seuil, 1986.

LIMA, Maria C. Peixoto. O declínio do mestre e suas relações com o saber no adolescente. In Debates sobre a adolescência Contemporânea e o laço social. Curitiba: Juruá, 2014.

OUTEIRAL, José. & CEREZER, Cleon. O mal estar na escola. Campinas, SP. Revinter: 2005.

VOLTOLINI, Rinaldo. Educação e psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.